

O QUE É ILUSTRAÇÃO*

A partir da distância crítica e os numerosos estudos daquela época, tentaremos definir com um pouco de precisão o que foi a Ilustração. Seguramente, não poderemos destacar uma definição única como pretenderam fazer os grandes estudiosos clássicos como, por exemplo, Hegel na *Historia de la Filosofia* ou nas *Lecciones de Filosofia de La Historia universal*.

Hegel vincula a Ilustração ao processo moderno que prioriza a reflexão racional do sujeito pensante humano, mas critica sua abstração, a unilateralidade e a frieza analítica, dicotomizadora e que “solidifica as diferenças”. É o que impede – pensa Hegel – toda reconciliação ou síntese dialética e tem como consequência inevitável a violência da Revolução Francesa.

Por sua parte, Ernst Cassirer, na *Filosofia de la Ilustración*, destaca a reformulação da natureza mesma da filosofia. Recuperando a atitude filosófica mais autêntica, a Ilustração evita cair ante “o espírito de sistema” que quer “encarcerar” todos e cada um dos saberes, mas sem ser assistemática. Dá grande importância à análise e a classificações rigorosas, mas evita partir de princípios metafísicos indemonstráveis. Assim, prioriza as preocupações mais vitais, dentro de uma unidade de método, uma mentalidade ou uma forma de pensar que irá chamar de “ilustrada”.

Paul Hazard, em *La crisis de la conciencia europea y El pensamiento europeo Del siglo XVIII*, define a Ilustração como a época em que explode o grande conflito latente durante muito tempo contra o domínio total do cristianismo. Assim, abre um conflituoso processo de ruptura descristianizadora, secularizadora e dessacralizadora presidida pela emancipação da razão humana.

A crítica ilustrada vai, sobretudo, contra a concepção religiosa de vida, mas sem provocar nenhum vazío, pois os ilustrados eram tão críticos e destrutivos do passado como planejadores e construtores do futuro. Por isso, Hazard rechaça incluir em sua análise “os apaixonados e místicos” do século XVIII (havia muitos, reconhece) e também considera

* O presente ensaio, traduzido por José de Magalhães Campos Ambrósio, constitui-se em versão de capítulo da obra originalmente publicada em castelhano: MAYOS, Gonçal. *La Ilustración*. Barcelona: Editorial UOC, 2007, p. 11-20.

inevitável que a radical necessidade de renovação dos ilustrados acabasse em uma violenta revolução política e social.

Uma Ilustração eterna?

Não poderemos considerar a Ilustração como uma tendência quase eterna e consubstancial ao homem: algo que já estava presente muito antes na história, mas que só enraizou ou se converteu em dominante no século XVIII, até o ponto que mereceu o nome de “século das luzes”.

Não podemos seguir Friedrich Nietzsche, que a vê triunfar na constituição da razão durante a significativamente chamada “Ilustração grega” do século V a.C., e tem no final da tragédia ática (devido a Eurípedes e Sócrates) o sinal cultural mais profundo.

Tampouco emularemos Max Horkheimer e Theodor Adorno, que na *La dialéctica de la Ilustración*, cumprimentam Ulisses como o primeiro homem “burguês” e fazem dele um símbolo da Ilustração. Para eles, a Ilustração, mais que um momento histórico é, sobretudo, a problemática essencial do homem atual e, também, de toda a história humana sem exceção.

Com sua razão instrumental e sua vontade de fazer o homem dono do mundo, a Ilustração é o vetor chave do ocidente e, portanto, ainda não está acabada suas profundas conseqüências ambivalentes (ao mesmo tempo emancipadoras e perigosamente totalitárias). Incluem, por exemplo, as guerras mundiais, o fascismo e Auschwitz, já que, assombrosamente, “a humanidade no lugar de entrar em um estado verdadeiramente humano [que tem sido sempre a promessa da Ilustração], desembocou em um novo tipo de barbárie” e em uma nova mitologia, especialmente quando o processo ilustrador passou a ser monolítico e evitou a autocrítica.

Peter Sloterdijk, na *Crítica de la razón cínica*, também apresenta uma visão supra-histórica da Ilustração, como uma tendência permanente na humanidade que ele encontra muito vinculada à corrente cínica do pensamento ocidental. Também para Sloterdijk, a Ilustração tem uma obscura e íntima relação com aqueles que, a princípio, parecem ser seus inimigos irrenunciáveis, já que “aos seus triunfais ‘processos de aprendizagem` os seguem, como uma sombra, catastróficos processos de desaprendizagem”. Assim

Sloterdijk considera o atual triunfo do pior cinismo como uma consequência direta (ainda que indesejada) da Ilustração: o aterrador que devia ser evitado surge de novo e o faz a partir de dentro do remédio.

A desconfiança generalizada tendeu a igualar os perigos e a provocar tal desorientação e cansaço, que as pessoas acabam abraçando o cinismo mais cômodo. Isto obriga – pensa Sloterdijk – que hoje não se pode ser fiel à Ilustração, se não desde certa infidelidade.

A Ilustração se perde na diversidade?

Também deveremos ir mais além das interpretações interessantes mas demasiado unilaterais, seja contra ou a favor, como as de Lyotard ou Habermas. Nós faremos uma análise mais matizada, apesar de que, de alguma maneira, a Ilustração (como disse Lyotard em *La condición postmoderna*) é um dos grandes macrorelatos modernos que a pós-modernidade deve superar e que, por outro lado, também é certo que a Ilustração, enquanto parte essencial da modernidade, é um processo ainda inacabado e reclama que se complete, como disse Habermas em *El discurso filosófico de la modernidad*.

Nos moveremos próximos a análises mais equilibradas, ao mesmo tempo, críticos e reivindicadores das grandes contribuições ilustradas, como as de Armando Plebe, Michel Foucault e muitos estudiosos atuais. Mas também – na medida em que pudermos – evitaremos abdicar da tarefa de dar um mínimo de sentido global e unitário ao termo “Ilustração”.

Majoritariamente, hoje, os estudiosos tendem a apartar-se das grandes interpretações clássicas (certamente demasiado essencialistas e monolíticas), assim como também das supra-históricas (demasiado abstratas e pouco discriminadoras), embora isso normalmente provoca também uma perigosa confusão e falta de visão de conjunto. É a causa, seguramente da excessiva e radical especialização dos estudos acadêmicos, junto a uma preocupação crescente pela análise “micro” em detrimento do “macro”.

Isto provoca afirmações, muito provavelmente tão rigorosas quanto cômodas, que desorientam e desalentam a quem quer iniciar-se nas problemáticas como a “Ilustração”. Somente como exemplos indicativos, apontamos muito brevemente algumas.

Jean Deprun, em “Filosofia y problemática de las Luces” na *Enciclopedia de la Pléyades*, avisa que “a filosofia das Luzes é muito rica: rica até enganar, inclusive a explodir se tenta-se reduzir a um modelo único”, expande “em tantas constelações intelectuais como o jugo pode superar o espírito de libertação, instrumentos conceituais adotar, estilos inventar ou aceitar”.

Georges Gusdorf, que dedica à Ilustração os volumes IV, V e VI de seu monumental *Las ciencias humanas y el pensamiento occidental*, previu que “o historiador que imagina-se poder extrair um sentido unitário e definitivo [do século XVIII] testemunhará por esse simples feito uma incompreensão terrivelmente ingênua”.

O diretor do importante instituto parisiense dedicado a produção escrita, Roger Chartier, nega em *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII* que a Ilustração ocupa integralmente esse século. Muito pelo contrário, destaca que nele existe muitas outras formas de pensamento e de mentalidades que muitas vezes não se expressam de todo publicamente ou no discurso social dominante e que, por isso, não se valoram ou anacronicamente são remetidas a outros movimentos e épocas, por vezes considerando-as simplesmente como meras reminiscências do passado.

Os historiadores da cultura e da arte (como George Rudé em *Europa en el siglo XVIII*, Arnold Hauser em *Historia social de la literatura y del arte*, ou Hugh Honour em *El Romanticismo*) evitam o máximo o termo “Ilustração” para referirem-se a todo o século XVIII e não o usam em absoluto para referirem-se a arte (se fala em termos barroco, rococó, neoclassicismo ou romantismo, mas nunca arte ilustrada). Normalmente só usam “Ilustração” para o âmbito concreto da filosofia.

Em *El mundo hispánico en el siglo de las luces*, o professor da Universidade Livre de Bruxelas Roland Mortier fala claramente de “Múltiplo século XVIII”. Reconhecendo a “diversidade espacial, temporal e conceitual” da Ilustração, considera “abusivo e muito mal método querer unificar e discernir com demasiado rigor uma realidade em movimento até o ponto em que, as vezes, parece contraditória.” “Assim como não há uma Europa homogênea da Ilustração, tampouco há uma ideologia sistemática da Ilustração, nem nenhum estilo único.”

Em “Lumières, ‘Aufklärung’: Una nota sobre semántica”, “La debilidad de la razón em la edad de la Ilustración” e a *Enciclopedia de la Pléyade*, Giorgio Tonelli opta por usar o termo “Luzes” ou “*Aufklärung*” “o menos possível: dá origem a demasiadas controvérsias.” Para ele, “a época das luzes, tanto quanto um fenômeno europeu de conjunto, não é mais que uma quimera, exceto que abordemos a certas vagas generalidades como o ‘humanitarismo’, a ‘difusão do saber’ ou o ‘patriotismo’”. Finalmente, e como única solução possível, Tonelli acaba afirmando: “Não temos senão que nos refugiarmos em critérios cronológicos”.

Esta é, agora mesmo, uma das opções mais habituais dos estudiosos, mas não há que olvidar que, em absoluto, resolve os problemas de fundo e que as pessoas nos pedem alguma coisa a mais. A diversidade, a profundidade e o nível de detalhe dos estudos atuais sobre a “Ilustração” demonstraram até que ponto a diversidade se esconde detrás desta denominação, que muitas vezes se propõe rechaçá-la e substituí-la por outras supostamente mais neutras e objetivamente cronológicas como “século XVIII”, ademais de, por deduzido, limitar-se estritamente a Europa e a suas colônias mais desenvolvidas.¹

Um mínimo marco comum

A renúncia fácil a utilizar termos como “Ilustração” e determinar uns mínimos traços comuns, provoca o desconcerto e a quase total desatenção das grandes coordenadas evolutivas. Na pretensão de um grande rigor só se alcança diminuir o interesse e a curiosidade sadia. Por isso, neste livro, trataremos de reconstruir um mínimo marco

¹ As Revistas: É significativo que as revistas atuais mais importantes que tratam da “Ilustração” evitam referir-se a ela em seus títulos como um movimento concreto. Predominam claramente denominações cronológicas do tipo “século XVIII”, que permitem atender também a personagens e fenômenos considerados tradicionalmente considerados pouco “ilustrados”. *Dix-Huitième Siècle*, que é publicada desde 1968; *Studies on Voltaire and Eighteenth Century* (desde 1955); *British Journal for Eighteenth-Century Studies* (desde 1978); e do *Groupe d'Etude du XVIIIe siècle* de Bruxelas (1972) ou o *Centre d'Etudes du XVIIIe siècle* (CNRS) de Montpellier.

Também a idéia preside a bibliografia mais completa do século XVIII: P.M. Conlon, *Le Siècle des Lumières. Bibliographie chronologique*, também seria seguramente a opinião de uma ampla maioria dos 8.418 investigadores identificados no *International Directory of Eighteenth-Century Studies*. Na Espanha está a *Sociedad Española de Estudios Del Siglo XVIII* (Salamanca). Diferentemente, rompe essa tendência o *Grupo de Estudios Del Siglo XVIII* da Universidad de Cádiz, que edita uma revista intitulada (mesclando precisamente o que muitas vezes se considera incomensurável): *Cuadernos de Ilustración y Romanticismo*.

comum “macrohistórico e macrofilosófico” que – apesar de todas as diferenças –nos permite apontar alguma unidade comum a todo o período ilustrado.

Por trás do ar de família, há que se orientar para uma espécie de “paradigma”, uma “episteme”, uma “mentalidade”, uma “cosmovisão”, uma “atitude mais ou menos psicológica” ou, pelo menos um “espírito” ou um “estilo” comuns e compartilhados.

Consideramos a Ilustração como um processo de longa duração em evolução interna e que se relaciona com outros processos sobrepostos (alguns dos quais podem ser mais duradouros, globais e básicos, como mesmo a modernidade). O analisamos como um processo que não se inscreve somente na alta cultura, mas no marco mais decisivo e fundamental da mentalidade e dos modos de vida sociais. Procuraremos, ademais, dar o máximo de chaves e dados para que se possa captar tanto a enorme diversidade da Ilustração como, também, os recursos básicos de sua unidade e importância global para a história humana.

Ilustrações

Devemos insistir que as idéias e a sociedade ilustradas não aparecem em todas as partes igual e ao mesmo tempo. Os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos são muito diversos e são a causa que nos obriga a falar de uma multiplicidade de ilustrações, que os estudiosos normalmente designam com os termos das diversas línguas: *enlightment* para o mundo anglofônico (muitas vezes especificando a escocesa, irlandesa ou americana), *lumières* para os francofônicos, *Aufklärung* para os de língua alemã, *lumi* para o italiano, *luces* no castelhano.

Uma diversa evolução se manifesta segundo os âmbitos lingüísticos e nacionais onde se enraízam os fatores ilustrados e, por isso, a maior parte dos estudiosos atuais tendem a usar *Lumières*, *Aufklärung*, *Enlightment* e *Illuminismo* como “termos técnicos” e evitam traduzi-los sistematicamente entre si. Não é preciso dizer que isso não tinha se produzido nunca antes; é uma novidade com respeito aos séculos anteriores nos quais o mundo cultural europeu estava muito mais unido e ainda presidido pelo uso compartilhado do latim.

Alguns estudiosos atuais assinalam este fato como a demonstração de que a Europa de XVIII já tinha praticamente concluído o processo (que se inicia em XVI e em alguns lugares em XV) de “nacionalização da cultura”, apesar de que, continuaram com os posteriores conflitos “nacionalistas” na medida em que se quer incorporar novas realidades nacionais e estatais.

Assim, apesar da vontade cosmopolita dos pensadores ilustrados e de suas convicções de representar certa “república das letras” internacional e que aspira representar a “humanidade”, está claro que as grandes monarquias e Estados lograram certa unificação política e cultural que conferem, aos seus cidadãos, um caráter “nacional” e cultural específico.

É indiscutível que, por exemplo, Voltaire e Diderot viajarão por grande parte da Europa e serão acolhidos em cortes distantes como grandes sábios da humanidade, mas ao mesmo tempo como representantes da cultura considerada mais poderosa daqueles de então: a francesa. Esta se convertera em símbolo de “modernização” e, por isso, muitas elites de outros países conscientemente queriam importá-la e adaptá-la ao seus contextos e necessidades.

É um processo similar que também fez o mesmo Voltaire quando, em seu exílio inglês, tentou absorver as novas idéias e realidades que viveu para buscar transplantá-las para França, ou Franklin, buscando na França cumplicidades para a Revolução americana.

Entretanto, em todos os casos, não devemos ver sinais “de apatriotismo”, mas o contrário, eram atos de serviço a pátria (tanto como à humanidade) e sempre foram acolhidos como sábios representantes da humanidade e, ao mesmo tempo, dos respectivos países e culturas.

Reconhecendo a multiplicidade de ritmos e especificidades do movimento ilustrado, podemos ver um macroprocesso básico. Primeiro, Grã-Bretanha, junto com as Províncias Unidas holandesas, engendram a maior parte dos valores fundantes da Ilustração. Segundo, estes são percebidos pela França e “naturalizados” até chegar a se perder a memória da origem britânica ou holandesa. Em terceiro lugar, a França os expande e difunde pela Europa, onde são recebidos como “produto de importação” de um movimento já definido e, portanto, em grande medida de uma maneira mais livresca,

estrangeirizadora, elitista e “afrancesada”: este só pode ser o caso do mundo germânico, da Rússia, do leste europeu e das penínsulas ibérica e itálica. Isto resultou que, nestes territórios, o ilustrado era muitas vezes considerado com desconfiança como um partidário do estrangeiro ou um afrancesado.

Aqui já há um dos primeiros paradoxos da Ilustração, porque embora os propagandistas da Ilustração fossem franceses, seus santos padroeiros e pioneiros foram os ingleses: Bacon, Locke e Newton. Frequentemente é ampliada a importância da Ilustração francesa, que não é mais criativa intelectualmente, apesar de ser a que tem mais eco em toda a Europa, seguramente pela caixa de ressonância das cortes a lá Versalhes.

Precisamente, tendo em conta esse início britânico e holandês, poderia estabelecer-se um período para a Ilustração como etapa Histórica (superando a divisão de séculos) que iria da Revolução Inglesa (1688) até a Revolução Francesa (1789), que nós alongamos até o momento auge de Napoleão (mais ou menos até 1808). Seguimos Gusdorf na idéia de que “uma justa apreciação do século das luzes levará a preferir, pois, os limites amplos aos curtos, para reconhecer sua amplitude nesta aventura da consciência europeia”.